 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 023. Antropologia, gênero e saúde no contexto neoliberal e neoconservador no Brasil: desafios e estratégias de enfrentamento

Rozeli Maria Porto (UFRN) - Coordenador/a, Mónica Franch (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a Nas ?ltimas d?cadas, o avan?o na pesquisa antropol?gica sobre as articula?es entre g?nero, sa?de e sexualidade tem evidenciado problem?ticas importantes no campo dos Direitos Humanos e fundamentais. Reflex?es relacionadas ? sa?de sexual e reprodutiva de mulheres e homens, em suas v?rias orienta?es de g?nero e sexualidade, t?m provocado axs pesquisadorxs em um campo moral a pensarem no entrecruzamento desses direitos com diferentes marcadores sociais da diferen?a. Essas quest?es se tornam urgentes num contexto hodiernamente sombrio no pa?s, marcado pela implanta??o de um projeto econ?mica e socialmente excludente, que est? levando ao desmonte de pol?ticas p?blicas de sa?de. Os direitos relativos ao aborto, ao parto humanizado, o acesso a servi?os de sa?de para travestis e transexuais ou, ainda, a preven??o e tratamento de infec?es sexualmente transmiss?veis, como o HIV/Aids, est?o cada vez mais amea?ados diante de tais circunst?ncias. Frente aos desafios impostos por esse contexto neoliberal e neoconservador, a proposta deste GT ? refletir sobre as estrat?gias te?ricas, metodol?gicas e pol?ticas que estamos desenvolvendo no cotidiano de nossas pesquisas em torno das quest?es de g?nero, sa?de e sexualidade. Podem girar em torno de temas como maternidade, aborto, HIV/Aids, Tec. Reprod., diversidade sexual e transexualidade, e suas articula?es entre g?nero, classe, ra?a,etc; rela?es e/ou conflitos com o Estado; fluxos de poder, influ?ncias pol?ticas, morais e/ou religiosas.

Sonhos in vitro: maternidade em tempos de reprodução assistida

Autoria: Lídia Marcelle Arnaud Aires

Apesar da ênfase na emancipação feminina que passa pela não obrigação de reproduzir e das significativas reelaborações acerca do que é ser mãe – em grande medida como herança das propostas feministas – que marcam a sociedade contemporânea, não são poucos os ditos populares ainda em voga a exaltar a figura materna. Assim como não é rara a utilização de discursos que mencionam a maternidade como experiência única que permite à mulher ser “verdadeiramente” uma mulher. Concomitantemente, lidamos com frases e propagandas veiculadas por clínicas especializadas em reprodução assistida que “convidam” as mulheres à realização de um sonho, o sonho da maternidade que não pode se concretizar em seus corpos pelas vias da natureza. Trata-se de um sonho construído social e comercialmente (com o precioso auxílio da indústria farmacêutica) e divulgado através de recursos de marketing que atuam no sentido de seduzir seu público potencial. Na busca por filhos/as de seu “próprio sangue”, “carne da sua carne”, é revelado o poder ideológico do sangue na construção do parentesco e da maternidade. Pretendemos, com este artigo, analisar o que motiva as mulheres a procurar e se submeter a tratamentos custosos financeira e emocionalmente sem ter garantia da eficácia ao final do tratamento. O que está por traz desta escolha? Assistimos a uma “retomada” não apenas da necessidade de ser mãe, mas de sê-lo pela via do biológico, com um suposto recrudescimento da família biológica que as novas tecnologias sinalizam. Um sonho que pode ser realizado através do “consumo” das tecnologias disponibilizadas para mulheres que desejam ser mães a “qualquer preço”. A lacuna representada pela incapacidade de gerar descendentes, na sociedade contemporânea ocidental, acabou se tornando alvo de investimentos e os médicos são representados como anjos, como enviados de Deus aos olhos do público que sofre com a ausência involuntária de filhos/as, na medida em que são eles que podem preencher o vazio ou eliminar a vergonha que advém dessa ausência, para muitos casais ou mulheres.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**